

A DIMENSÃO DO AFETO E DA ALEGRIA NA RELAÇÃO PROFESSOR / ALUNO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Antônia Andreia da Silva Santos Moura¹
Cícera Maria Carvalho Silva da Costa²
Elisângela Monteiro da Silva³
Maria da Conceição Rodrigues Martins⁴

RESUMO

O presente artigo propõe a reflexão sobre a importância da afetividade na relação professor /aluno na educação infantil, considerando que essa etapa da educação deve ser trabalhada na perspectiva do cuidar e do educar, não se pode desconsiderar a dimensão do afeto dentro desse processo formativo e relacional. Deste modo, o objetivo central desse estudo é destacar a relevância do afeto para a educação voltada para a infância. Baseado em estudos bibliográficos com referências a diversos autores que abordam o tema afetividade, dos quais se destacam: Spinoza (2009) Wallon (1992); Oliveira (2000); Almeida (1999), Bastos (2014), Galvão (2003). A partir desse estudo ratificamos que a dimensão do afeto deve ser reconhecido, valorizado na organização dessa etapa da educação formal, sobretudo no que diz respeito à relação professor/aluno

Palavras chave: Afeto, Educação Infantil, Professor/Aluno.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa trata-se de um estudo bibliográfico que intenciona analisar a importância da afetividade na relação professor- aluno, destacando a importância dessa relação para a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno na Educação infantil.

A afetividade está presente desde as primeiras manifestações da existência humana. Desde o nascimento, a criança engendra-se numa busca constante de interação e adaptação ao mundo em que vive e para isso utiliza de mecanismos primeiramente físicos, corporais, para mais tarde desenvolver outros, essencialmente psíquicos. Os aspectos afetivos positivos que

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí - UFPI, antoniaandrea92@gmail.com;

² Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí - UFPI, akylasantiago@hotmail.com;

³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federa do Piauí - UFPI, monteirosilva1997@gmail.com;

⁴ Professora da Universidade Federal do Piauí- UFPI, flordemaria@outlook.com;

permeiam as relações sociais estabelecidas entre a criança e o adulto determinam a construção de identidade e o valor que a criança dá a si mesmo. Portanto, o afeto constitui-se como um importante auxílio para a aprendizagem, o que tem direto envolvimento com a relação professor aluno. O professor deve sim ensinar conteúdos aos alunos, mas deve ensiná-los a buscar respostas para suas indagações, e ter com eles uma relação afetiva, e para isso tem que conhecê-lo. A relação professor aluno representa um esforço a mais na busca da praticidade, afetividade e eficiência no preparo do educando para a vida, numa redefinição no processo de ensino-aprendizagem.

O QUE É AFETO

Para Spinoza (2009, p. 99), “o corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída”. O filósofo apresenta pistas relevantes que de acordo com Oliveira (2000, p. 53):

A filosofia de Espinosa se ergue em favor da vida e contra tudo que nos separa dela: bem, mal, mérito, culpa, perdão, pecado, ódio, enfim, todo tipo de tristeza. A filosofia de Espinosa denuncia todas as falsificações da vida pelas quais pensamos viver quando, na verdade, cultivamos a morte. Espinosa denuncia todo sentimento triste, que não compoem com nossa natureza, diminui nossa força para existir, nossa potência para agir, sendo-nos, por isso, nocivo, mau e inútil. Espinosa erige sua filosofia em prol da alegria, pois só a alegria compõe com nossa natureza e aumenta nossa força para existir ou nossa potência para agir sendo-nos, por isso, útil e boa.

Acreditamos e defendemos essa alegria presente em espaços voltados à educação infantil. O ser humano é um animal racional, mas talvez mais que do que isso o ser humano são animais afetivos. Na contemporaneidade, levados pelo pragmatismo moderno, deixamos de lado a dimensão do afeto. Spinoza (2009) classifica os afetos como afetos de alegria – ativos – ou de tristeza – passivos. Destaca que estes potencializam nossa força de agir.

No trabalho com criança, se faz necessário a amplitude de um ambiente que possibilite a alegria de se aprender, de exercício da curiosidade e da descoberta.

Quando falamos de afeto lembramo-nos de carinho, de afetividade no sentido positivo, o afeto está ligado muito mais ao verbo afetar, aquilo que me afeta, que mexe comigo, aquilo que me move. A palavra afeto vem do latim *affectur* (afetar, tocar) e constitui o elemento básico da afetividade. Segundo caracterização do dicionário Aurélio (1994), o verbete afetividade está “psicol” conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sentimentos e

paixões, acompanhados sempre da impressão de dor, insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria e tristeza.

De acordo com Bastos 2014, p. 27.

O ser humano nasce em um estado de imperícia, desprovido de recursos para a sobrevivência, e necessita do adulto para satisfazer suas necessidades mais vitais. Justamente por meio de gestos involuntários, gritos, choros que o bebê pode expressar seu desconforto, sua necessidade de alimento, de sono etc. Essas manifestações puramente fisiológicas, num primeiro momento, vão ser interpretadas e significadas pelo adulto, que parece tentar entender nessas manifestações já um pedido de ajuda, nomeando-se e buscando atribuir diferentes significados a eles.

Almeida (1999) considera que o recém-nascido passa por um período voltado para si mesmo, descobre e exercita suas habilidades, e após esse período ele passa a estabelecer suas atividades de relação, isto é, conhecer e descobrir o mundo físico.

Nas palavras de Bastos 2014, P. 31.

Original e complexa é também de desenvolvimento permeada pela intensa e contínua integração de pessoa por meio do campo da afetividade, da inteligência e do ato-motor. A afetividade e a inteligência são funções preponderantes ao longo da evolução psíquica, e suas alternâncias conferem diferentes direções para as ações, além de coloridos emocionais específicos para as aprendizagens, descobertas e transformações. Os avanços em um dos campos, afetividade e inteligência, são capazes de promover saltos qualitativos simultâneos e recíprocos entre eles.

Para Wallon (1992) a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento. A emoção é instrumento de sobrevivência típico da espécie humana. O bebê humano, frágil como é, pereceria não fosse sua capacidade de mobilizar poderosamente o ambiente para atender suas necessidades. A função biológica do choro, por exemplo, é atuar fortemente sobre a mãe, fornecendo o primeiro e mais forte vínculo entre os humanos. Assim, a emoção tem raízes na vida orgânica e também a influencia. Um estado emocional intenso, por exemplo, provoca perda de lucidez.

Segundo Wallon (1992), a atividade emocional é simultaneamente social e biológica. Através da mediação cultural (social), realiza a transição do estado orgânico para a etapa cognitiva e racional. A consciência afetiva cria no ser humano um vínculo com o ambiente social e garante o acesso ao universo simbólico da cultura – base para a atividade cognitiva – elaborado e acumulado pelos homens ao longo de sua história. Dessa forma, para Wallon, o psiquismo é uma síntese entre o orgânico e o social. Daí sua natureza contraditória de participar de dois mundos.

A afetividade antecede a inteligência, de acordo com Wallon (1994) seu objetivo é compreender a formação do indivíduo, sua teoria do desenvolvimento da personalidade se

divide em duas funções: a afetividade e a inteligência. O crescimento da inteligência esta ligada a afetividade de tal forma que uma determinada relação interfere e pode determinar o desenvolvimento da inteligência. Ambas são inseparáveis, pois uma ajuda no desenvolvimento da outra, por meio da afetividade é possível desenvolver a aprendizagem. O momento inicial da vida é marcado predominantemente pela organização das emoções, no qual a função da afetividade (afetividade aqui entendida como a capacidade de afetar e de ser afetado pelo outro) e se faz presente e é preponderante, (Bastos 2014).

O poder de afetar e ser afetado dos modos encontra-se, por essa razão, constantemente preenchido por diferentes afetos, fazendo-o passar, frequentemente, de uma perfeição menor a uma maior, ou de uma maior a uma menor. No primeiro caso, dizemos que há alegria, no segundo, tristeza.

O filósofo destaca (IBIDEM) que a alegria e tristeza, assim, traduzem essas variações do esforço em perseverar no ser, para mais ou para menos, ligadas aos constrangimentos que o corpo sofre, de modo que o que diminui nossa força de ser e agir contraria a potência do corpo da mesma maneira que o faz com a potência de pensar.

Spinoza (2009) considera que todas as coisas em sua vida ordinária são vãs e fúteis diante da importância de se reformar a inteligência para se atingir a suprema felicidade. O medo, o bom e o mau eram variações de ânimo e, por isso, não deveriam ter tanta importância diante do propósito dele de buscar um bem verdadeiro que pudesse ser comunicado a todas as pessoas quando descoberto.

Spinoza questiona o que de fato é necessário para termos uma vida feliz. Pensar sobre algo que pudesse ser descoberto e que trouxesse prazer contínuo e uma perene felicidade já aprecia o objetivo final da vida ética, após a reforma do intelecto, a saber: a suma felicidade. Percebemos, assim, que a reforma da inteligência começa com uma indagação a respeito do Bem Maior.

O sentimento de futilidade das coisas que os homens desejam possuir ou temem perder é que leva o filósofo a se perguntar se existe um Bem Maior que pode ser compartilhado por todos e gerar alegria e felicidade. Spinoza faz uma distinção entre o bem verdadeiro e o sumo bem. Para ele, coisa alguma considerada em sua natureza pode ser boa ou má, perfeita ou imperfeita, pois tais afetos são relativos e tudo o que acontece na natureza segue uma ordem eterna com leis imutáveis. Mas, como o pensamento humano é fraco e não consegue alcançar a ordem universal, tende a conceber uma natureza superior à sua. Por isso, o homem é levado a considerar os meios que o conduzam à perfeição. Esses meios são o bem verdadeiro e o sumo bem, isto é, a capacidade de gozar dessa natureza superior.

Há, portanto, uma seleção dos afetos e das ideias de que eles dependem, pois, devem liberar alegrias: aumento de potência; e repelir tristezas: diminuição de potência. Os afetos de alegria, por sua vez, continuam sendo paixões e as ideias que eles supõem permanecem inadequadas. Porém, não deixam de serem os precursores das noções. Na filosofia de Spinoza não há oposição entre razão e afetos duas expressões particulares da potência da natureza, mas entre atividade e passividade. Como os afetos não são necessariamente paixões, a afetividade também não se constitui como uma influência perturbadora ao intelecto. Para Spinoza, inteligência e sensibilidade não são faculdades distintas, sendo o esforço no sentido da sua harmonização justamente o caminho para a libertação.

AFETIVIDADE ENTRE PROFESSOR-ALUNO NA ESCOLA

A afetividade entre os seres humanos é de fundamental importância para elevar sua autoestima, com as crianças isso acontece com mais intensidade.

De acordo com Galvão (2003, P. 43).

Wallon vê o desenvolvimento da pessoa como uma construção progressiva em que se sucedem fases com predominância altamente afetiva e cognitiva. [...] As atividades predominantes correspondem aos recursos que a criança dispõe, no momento, para interagir com o ambiente.

Se a prática das relações sociais define as emoções, fica evidente que a afetividade que o indivíduo recebe durante todo o seu percurso de vida irá nortear suas atitudes e aprendizado. Portanto, para uma criança que está na fase de construção de seu aprendizado o lado emocional é a mola propulsora para a construção efetiva do seu cognitivo.

As três principais emoções que exercem ações na sala de aula são: o medo, a alegria e a cólera. Galvão (2008, p.62) explica esses tipos de emoções:

A cólera, por exemplo, vincula-se a um estado de hipertonia, no qual há excesso de excitação sobre as possibilidades de escoamento. A alegria resulta de um equilíbrio e de uma ação recíproca entre o tônus e o movimento, é uma emoção eutônica. Na timidez verifica-se hesitação na execução dos movimentos e incerteza na postura a adotar, há um estado de hipotonia. Com base nesta relação, resulta até mesmo uma classificação das emoções segundo o grau de tensão muscular a que se vinculam.

De acordo com Almeida (1999) o medo é demonstrado através de situações novas ou parcialmente novas, como responder alguma atividade, apresentar um trabalho; A alegria traz inquietação, também pode trazer entusiasmo para a realização de atividades, esse tipo de emoção parece que é a que traz menor dano para o intelectual da criança. A alegria é um

estado de equilíbrio e de ação recíproca entre o tônus e o movimento, é uma emoção eutônica. Na timidez, há hesitação dos movimentos e incerteza de postura, um estado de hipotonia, como em estados depressivos. Um tipo de emoção hipertônica, geradora de tônus, é a ansiedade. E por último a cólera, que tem o poder de expor o professor diante da classe gerando desgastes físicos e emocionais, assim trazendo efeitos como contração muscular, gritos, alteração da voz, o que deixa visivelmente para os alunos o estado emocional do professor.

Basto (2014, p. 39) fala sobre a relação do Eu e do Outro:

A constituição do eu e do outro se dá a partir de um processo gradual de diferenciação, oposição e complementaridade, por serem compreendidos como um par antagônico e dialético, que se complementa pela oposição e tem a mesma filiação. Na mesma medida em que um vai se modificando, o outro também vai assumindo novas funções, uma vez que suas influências são recíprocas e eles têm íntima conexão.

Bastos (2014) explica que Wallon refere-se ao inacabamento do eu, portanto concebe um eu que vai se lapidando, se transformando e se aprimorando ao longo da evolução. Os processos articulados à inteligência, à afetividade e à motricidade também apresentam essa perspectiva, desenvolvendo-se sempre no sentido de uma maior diferenciação, e estão intensamente conectados entre si.

Wallon (1994) afirma que as emoções dependem fundamentalmente da organização dos espaços para se manifestarem. É fundamental que tenha um espaço amplo na sala de aula, onde os alunos possam se locomover e ter espaço para interagir com outro, até mesmo colocar as cadeiras em posição diferente a padrão, deixando de uma forma onde os alunos possam se ver e criar laços afetivos.

De acordo com Galvão (2003, p. 69), “além do papel na relação como mundo físico, o movimento tem um papel fundamental na afetividade e também na cognição”.

Na condição de principal mediador na sala de aula, o professor tem o papel importante de interceder, organizar situações emotivas dentro de sala de aula. A atenção dentro de sala de aula é algo necessário e na grande maioria, o professor compreende a ação do aluno como sinônimo de desatenção, indisciplina, e que esses atos podem atrapalhar a sala os alunos e inclusive o professor. Bastos (1995, p. 80) comenta que:

[...] preciso estabelecer com as crianças uma relação afetiva próxima e constante, um olhar mais apurado sobre suas necessidades afetivas, intelectuais, físicas e motoras, para poder ser continente às mesmas e favorecer seu desenvolvimento. Por se tratarem de crianças pequenas, que gradativamente estão construindo seu conhecimento sobre os objetos e as pessoas, precisam ter mais atenção e

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

acompanhamento em relação à sua linguagem, aos seus próprios recursos de exploração do mundo, de seu corpo e de si. O papel do educador deve ser o de encorajar esta evolução, no sentido de buscar compreendê-la em toda sua dinâmica, para que sua ação educativa possa melhorar favorece-la, criando condições para que isto aconteça.

Portanto, o educador, além de ser o mediador entre as crianças os objetos, é também o mediador dos conflitos e das disputas entra as crianças. A interação entre professor e aluno ultrapassa os limites profissionais, escolares e o ano letivo. É uma relação que deixa marcas positivas ou negativas, por isso o educador deve sempre buscar a força da alegria, do diálogo como forma de construção dos bons afetos no espaço escolar facilitando assim as relações e a construção do conhecimento.

O docente que atua na Educação infantil é responsável em administrar os conflitos da criança. Para Almeida (1999) o ambiente familiar se estende para a escola, pois os alunos desenvolvem o hábito de chamar os professores de tios, sem abrir mão de nossa profissionalidade, é preciso que se reconheça que essa relação também é pautada pelo afeto. O que não quer dizer que se deva abri mão de alguns rigores inerentes ao processo de educação formal, mas é necessário o reconhecimento dessa dimensão humana para que haja uma relação pautada na alegria de ser e integrar um processo que é de desenvolvimento. A afetividade envolve o crescimento cognitivo do aluno, atravessando a perspectiva do educar e cuidado, próprios dessa fase escolar, algo salutar na relação professor e aluno, sobretudo na educação Infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos considerar que as ações positivas de afeto, movidos por alegrias no espaço escolar, como fatores indispensáveis na formação do aluno como um todo e não como ser fragmentado que apenas pensa, mas também que sente e age conforme sua existência física e emocional. Nesse aspecto, o professor deve ser mediador de uma educação afetiva, alegre, pois há existência de alegrias no espaço escolar, corremos o risco de construir barreiras emocionais que impedem a concretização de um pleno desenvolvimento da infância.

Quando a criança se encontra em um local afetivo, em que se identifica como participe, com liberdade de expor suas curiosidades, ideias e desejos, ela se sentirá mais segura e confiante. Desta forma, o ensino poderá fluir de forma mais sólida e amorosa. A vida afetiva da criança começa desde o seu nascimento e terá reflexos na vida adulta, não podemos desconsiderar, também, que o aluno sofre influência do meio social em que vive.

Quando a escola nega a dimensão do afeto, abre portas para os mais variados problemas, como a falta de solidariedade, a incapacidade de diálogo, rejeição ao diferente e até mesmo aos livros e outros instrumentos didáticos pedagógicos. Na carência de motivação há terreno fértil para o não crescerem tamanho e afeto.

Aprender deve estar ligado ao processo de alegria (SNYDER, 1988), um ato afetivo que deve ser prazeroso. Um processo relacional contextualizado, em que professor aluno possam juntos aprender, crescer e partilhar alegria.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula** – São Paulo: Edição Papirus, 1999.

BASTOS, Alice Beatriz Barretto Izique. **Interações e desenvolvimento socioeducativo da creche. Dissertação** (Mestrado). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica. 1995.

BASTOS, Alice Beatriz Barretto Izique. **Wallon e Vygotsky: psicologia e educação**. São Paulo: Edição Loyola, 2014.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wllon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**- Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

LA TAILLE, Yves de et al. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

OLIVEIRA, Wanderley C.. Espinosa: um Pedagogo da Alegria? **Revista Eletrônica Print by FUNREI Metanóia**, São João del-Rei, n. 2, p.45-55, jul. 2000 - https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/lable/revistametanoia_material_revisto/revista02/texto06_pedagogia_espinosa.pdf Acesso em 26 de maio de 2019

SNYDERS, Georges. **A alegria na escola**. São Paulo: Manole, 1988.

SPINOZA, Beneditus, **Ética / Spinoza**; [tradução de Tomaz Tadeu]. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.